

ENTREVISTA ESPECIAL



211

ENTREVISTA COM JOSÉ QUARESMA CAMPOS FILHO

Entrevistadores:

Elio Ferreira de Souza

Maria Suely de Oliveira Lopes

Sebastião Alves Teixeira Lopes

José Quaresma Campos Filho é natural de União-PI, nascido no dia vinte e sete de novembro de 1982. Além de músico, compositor, artista plástico, publicitário, colorista, diretor e roteirista também é formado em Letras. Suas músicas são inspiradas não só por sua cidade mas também pelo contato que teve com a literatura. Junto de sua banda compôs diversas canções dentre elas: *“Pelos Pátios Partidos em Festa”*(2008), *“Alegria Girar”*(2009), e *“Manual de Instruções Para”*(2018).

1. Você é muito conhecido como músico, sendo vocalista da já consagrada banda piauiense Validuaté, mas na verdade você é um multiartista, com produções também no

ENTREVISTA ESPECIAL

campo da literatura (composições e roteiro), da pintura, das artes plásticas, desenho, arte gráfica e do audiovisual. Como tudo inicia? Como você descobre essa veia artística tão forte?

Ainda na primeira infância, quando estudava no então chamado Jardim II, eu fiz meus primeiros desenhos. Não lembro exatamente do episódio, mas me contam que eu desenhei um Homem-Aranha e mostrei para a professora, e ela ficou impressionada. Sempre gostei de quadrinhos, Turma da Mônica, Superman, Batman, X-Men e todos esses universos que mexem com a imaginação de qualquer criança (e adulto também). Com o tempo passei a reproduzir os super-heróis que eu lia. Assim fui desenvolvendo minhas primeiras noções de anatomia, por mais que fossem de homens e mulheres superpoderosos lutando contra monstros de outras galáxias. Ao longo da vida escolar, segui ajudando colegas em trabalho que exigiam alguma atividade com desenho. Desenhei muitas mitocôndrias, mapas, sistemas musculares... tudo muito intuitivamente. Meu irmão Zeca fazia curso de desenho pelo Instituto Universal Brasileiro, e lembro que eu folheava os manuais e ficava observando as proporções do rosto humano, coisas do tipo "entre os dois olhos, há aproximadamente o espaço de um outro olho, e os cantos da boca se alinham aproximadamente às pupilas". Acredito que isso tenha me ajudado a perceber as formas de tudo e suas relações, o que é muito importante para o desenho. Na adolescência eu já desenvolvia um traço mais seguro e fiz alguns retratos a lápis, sob encomenda, inclusive. Também tive um vizinho, Cleanto, que desenhava incrivelmente. Foi uma influência importante pra mim, tanto no desenho quanto no gosto musical. Foi lá na casa dele que comecei a ouvir Legião Urbana, por exemplo. Lembro que ele cedia o terraço da casa dele para outro amigo treinar teclado (talvez o pai desse amigo não gostasse muito da ideia de ter um músico em casa. Isso é relativamente comum, infelizmente). Provavelmente esse foi meu primeiro contato com um instrumento, com alguém aprendendo a tocar um instrumento. Mais ou menos nesse período, lembro de ter estabelecido uma meta: quando eu completasse onze anos eu iria comprar pincéis e tinta guache. E isso certamente foi meu primeiro passo para a pintura. A essa altura eu já tinha aulas de educação artística, com a professora Sheyla Pierote. Muito talentosa. Por algum tempo eu virei fornecedor de pintura à mão para peças de lembrancinhas de aniversário que ela vendia a seus clientes. Até que um dia me cansei de reproduzir tantas peças em série, e encerrei nossa parceria. Paralelo a tudo isso, eu sempre gostei de cantar. Lembro

ENTREVISTA ESPECIAL

que havia na TV, um programa do Silvio Santos de duplas mirins. Nessa época estavam no auge duplas como Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó e Zezé de Camargo e Luciano. Eram os maiores. E eu brincava de cantar aquele repertório com meus amigos de infância. Embora eu quisesse fazer a voz principal, como meus parceiros de duplinha não conseguiam fazer a segunda voz, lá estava eu fazendo a melodia com os intervalos de terça, ou quinta, como é bem característico nesse segmento da MPB até hoje. No audiovisual eu tive apenas uma experiência, na adolescência. Um belo dia, baixou na cidade uma equipe de filmagem bem grande, para fazer um comercial do Armazém Paraíba. Tinha os palhaços famosos Faísca e Fumaça (quem assistiu aos Xous da Xuxa sabem de quem estou falando), modelos e toda a parafernália que muitos anos depois eu entenderia que são as engrenagens que fazem a mágica do audiovisual. Eu que estava de bobeira ali, encantado com aquela movimentação toda em torno da praça da igreja, de repente fui instado a fazer figuração. Não sei se numa situação normal eu toparia assim na lata. Mas como era para contracenar com a filha do gerente do Paraíba, que foi minha primeira paixão (e a turma toda do colégio sabia, inclusive ela), eu não pensei duas vezes, ainda mais com o convite feito pela própria. No final, a cena continha um beijo, em que nós, o casal, ao aproximarmos os lábios um do outro, do nada surgia um palhaço e os dois beijavam as bochechas do artista brincalhão de rosto pintado. E assim foi minha estreia no audiovisual. Impossível não rir enquanto escrevo essas memórias.

2. Então tudo começa com o desenho, a pintura, a figuração em audiovisual e uma certa iniciação no canto, isso ainda em União (PI). Por lá você teve condições de ter alguma formação artística ou de participar de exposição?

Minhas primeiras noções formais de arte foram mesmo na escola, mas não acho que era nada que servisse para revelar algum talento na turma. Era um bom exercício, um primeiro contato com técnicas. Nas artes, minha única experiência de formação foi um curso de alguns dias, na casa do melhor pintor e desenhista que conhecíamos na cidade, Sérgio Castro. Ali na sua casa, no seu ateliê, onde ele produzia telas, peças serigráficas, camisetas para lojas, fardas para escolas e afins, nós assistíamos a videoaulas e, em seguida, a demonstrações de cada princípio de desenho e pintura. Dali trago aprendizados que posso aplicar até hoje. Nessa época havia em União uma associação de universitários, quando ainda não havia campi das universidades Federal ou Estadual por lá. Tal

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 211 a 226, jan. a ago. 2021

ENTREVISTA ESPECIAL

associação realizava um dos eventos mais importantes que a cidade já viu: A Semana Universitária de União, com atividades esportivas e culturais. Dentre as quais, pude participar por algumas edições dos concursos de poesia, música - apenas como intérprete - e pintura. Cheguei a ser premiado nessas três categorias, e o mais próximo de exposição de que tive chance de participar, foram mesmo estes concursos de pintura. Inclusive competindo com o meu mestre, Sérgio Castro, e outros artistas mais experientes que eu. A última vez que participei, já morava em Teresina, e já estava bastante influenciado pela pintura que via aqui na capital. Uma que me marcou muito, foi a que o artista Tupi realizou na galeria do Clube dos Diários, no comecinho dos anos 2000, com telas imensas, colagens, texturas, e muitas outras sensações que extrapolavam a sobreposição da tinta sobre a tela. Encantando com todas essas possibilidades, elaborei uma tela inspirada no poema "O Bicho", de Manuel Bandeira. Nesta obra, arrisquei dar volume com textura e colagem de materiais como papel, tecido, lacres de lata de refrigerante. A figura de um homem, maltrapilho, deitado no chão, no meio do lixo, sob a luz de um luar azulado. A minha tela foi a última a ser pendurada na parede, quando os jurados já estavam apreciando as demais obras. Tão logo ela ganhou seu lugar na competição, o olhar atento e crítico dos jurados se concentrou nela. Acredito que venci naquela noite por ter levado um conjunto de elementos que acabaram destacando minha tela das demais, e trazendo alguma novidade. Fui cumprimentado pelos meus amigos artistas que foram minhas referências no começo de tudo. Foi uma noite encorajadora.

3. União (PI) tem uma tradição nas artes. Você pode falar um pouco sobre a cena cultural da cidade?

A cidade tem nomes de destaque na pintura do estado como Osmir Pierot, Hostiano Machado e Fátima Campos, que já deixaram sua assinatura na história das artes do Piauí. Há outros, como o próprio Sérgio Castro e Eduardo Costa, que trabalham também com design e pintura comercial de letreiros e fachadas de lojas. Há os poetas, que se misturam aos compositores, como André Henrique, João Batista, Lourival Lopes e Éverton Lopes. No teatro e na dança o destaque é Cléverson Rodrigues, que capitania o Núcleo de Criações da Associação Cultural UNIARTES. Acredito que o Cléverson e sua trupe estiveram por trás da articulação da apresentação do espetáculo Batucada, do celebrado coreógrafo Marcelo Evelin, para União. É claro que a cidade ficou escandalizada. O que

ENTREVISTA ESPECIAL

é ótimo. Acho que todo artista adoraria viver de sua arte na cidade em que nasceu. Não tem sonho mais bonito. Mas, aí, a gente vai crescendo, conhecendo as pessoas e o mundo, e vendo como é tão mais interessante você vivenciar tudo isso por aí e poder voltar pra casa, e compartilhar as experiências, falar de novos sonhos. Morando há mais de 20 anos em Teresina, eu já não acompanho tão de perto os movimentos culturais de União, mas sei que os talentos continuam brotando, ano após ano. Tomara que consigam voar longe e voltar, se assim o quiserem.

215

4. Como surge o músico, já que aglutina capacidades múltiplas como cantar, tocar instrumentos e compor?

Primeiro vem o canto, que é a parte fácil, por assim dizer. Afinal, dá pra cantar enquanto se fazem outras atividades como tomar banho, lavar louças, varrer o quintal. Já para compor ou tocar um instrumento você deve largar o que está fazendo e no mínimo anotar no celular um verso que pipocou no juízo naquele instante, ou correr pro violão pra fixar aquela sequência harmônica que apareceu na cabeça e pareceu tão interessante e nova. Eu gostava de cantar, apesar de sempre ter sido tímido. Até hoje sou. Enfrentar uma plateia lotada é meio parecido com enfrentar uma sala de aula no primeiro dia: é preciso estar seguro desde as primeiras palavras. Na adolescência montamos um grupo musical, o Papel di Parede, que de alguma forma viria a se tornar a Validuaté anos depois. Comecei a cantar, assim de brincadeira mesmo, o repertório que os amigos, Fernando Araújo, Agnaldo Silva (Júnior Caixão), Diego Neves, Daniel Pessoa e Jardes Figueiredo, aprendiam nos cancioneiros. Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii, Raul Seixas, e aos poucos todo o panteão da música Popular Brasileira fizeram parte das nossas tardes e noites nas Praças Barão de Gurgueia, Getúlio Vargas e calçadas da Avenida Felinto Rêgo. E como eu estava por ali mesmo, fui aos poucos arriscando arremedar meus amigos, arranhando os primeiros acordes nos violões que dormiam na casa de um e de outro. E literalmente o meu lado compositor fazia questão de nascer junto com o instrumentista. Lembro de tentar cifrar (anotar os acordes posicionados na sílaba do tempo exato de um determinado verso) algumas linhas que eu cantarolava. Porém eu ainda nem tinha aprendido os nomes de cada acorde. E desenhava, imitando as legendas dos cancioneiros, um segmento do braço do violão, com a indicação da posição de cada dedo em cada corda. Era muita vontade de compor. Claro que não saiu nada que prestasse nas primeiras

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 211 a 226, jan. a ago. 2021

ENTREVISTA ESPECIAL

tentativas, embora o contentamento de ver uma música nascendo ali da ponta dos meus dedos fosse animador. Segui treinando, observamos meus amigos tocarem, apurando o ouvido, e aos poucos já conseguia tocar as primeiras canções. E aí já era um pulo para começar a compor de fato. Uma das primeiras canções que compus foi “Bicho do mato”, que participou e foi finalista do Festival Chapada do Corisco, em Teresina, em 2002. Esta canção passou a integrar o repertório da Validuaté dois anos depois, e entrou no primeiro álbum da banda lançado em 2008. Eu componho e canto instintivamente. Com o tempo e o trabalho, veio muito aprendizado, e pude me apropriar melhor de alguma técnica, que me ajuda a criar com mais consciência.

5. Primeiramente então vocês montaram a Papel di parede (assim mesmo, com ‘i’) ainda em União (PI), no final dos anos 1990. Depois surge a Validuaté, já em Teresina (PI), em 2004. Como foi todo esse processo?

A Papel di Parede era uma banda só de violões. Tocávamos em barzinho, nos festejos, algumas solenidades. Quando vim morar em Teresina o grupo se apresentou em shoppings e bares por aqui. O repertório era feito de medalhões da MPB. Porém a partir de 2002, como já começávamos a ter nossas próprias canções, passamos a tocá-las nos shows também. Depois de três anos seguidos participando do Festival Chapada do Corisco, sendo sempre finalista com uma ou duas músicas, mas nunca ganhando nada, resolvemos mudar a chave radicalmente. Em 2004, abandonamos o nome e a proposta da Papel di Parede e fundamos a Validuaté, que passaria a tocar apenas músicas autorais. Ter uma banda novinha em folha, com uma proposta que ainda não era conhecida do público, nos livrou de qualquer expectativa de repertório. Ou seja, ninguém fazia ideia do que sairia no show da Validuaté, e também não havia espaço para pedidos musicais como nos tempos da Papel di Parede. Estávamos a partir de então por nossa própria conta. Foi nesse tempo que aprendi algo que costumo repetir para jovens artistas que se vêem às vezes em dúvida sobre misturar canções próprias a um repertório consagrado: para a sua música se destacar no meio de um repertório conhecido, ou ela é tão boa quanto, ou melhor do que as músicas desse repertório. Como querer ser melhor do que os artistas que são referência para nós é uma pretensão sem cabimento, o esforço era fazer música que as pessoas ouvissem e reconhecessem ali um potencial para acontecer mundo afora. Isso, para nós, já era ser tão bom quanto os que admiramos. Esse potencial, nós vimos

ENTREVISTA ESPECIAL

ainda nos festivais. Eu diria que esse foi o principal gás para decidirmos fazer uma banda que tocasse fundamentalmente suas próprias canções.

6. Com quase duas décadas de estrada, nome muito peculiar e muita experimentação, a Validuaté já entrou na história da música piauiense. Como surge esse nome e qual a proposta da banda?

O nome surgiu nos bastidores do Festival Chapadão. Estávamos com uma pequena e cansada lista de nomes, e nenhum parecia bom ainda. Eis que nosso baterista à época, ao me ver com um pacote de biscoitos recheados, sugeriu que usássemos a expressão de validade do produto, "válido até". Ali vimos a dupla possibilidade de remeter a um tempo ou a um lugar. Tanto podia soar como o nome de um Vale, o Vale do Até (que dá um ótimo nome de sítio), ou a esse tempo previsto para terminar a validade de algo, como os biscoitos que eu terminei de comer antes de subir ao palco. Decidimos juntar tudo como uma palavra só, e assim nasceu o nome Validuaté. Esta prática, de combinar palavras já estava manifestada em outras opções da lista, mas nenhuma soou tão interessante. A proposta da banda é e sempre foi algo expansível. Um lugar de experimentação, mas calcado no *rock*, *pop* e vestido com umas estampas de mpb. Aí foi possível misturar e justapor muita coisa que gostamos, *rock*, *reggae*, ciranda, cantoria, maracatu, samba, bregas. Atualmente, estamos explorando mais coisas dentro do *pop*, mas há sempre lugar para alguma combinação que ainda não fizemos. O próximo álbum dirá mais sobre isso.

7. A banda lançou uma trilogia cujos títulos formam a frase “Manual de instruções para / Alegria girar / Pelos pátios partidos em festa”, álbuns lançados respectivamente em 2018, 2009 e 2008. Esses álbuns foram também pensados como uma trilogia? Há alguma forma de ligação entre eles para além dos títulos?

Posso admitir que era mais forte a ideia de ligar os nomes do que a preocupação de ter alguma conexão mais explícita nos álbuns. Falo isso porque os três álbuns até o momento tiveram um caráter de coletânea. Ouvimos isso de pessoas com certo distanciamento crítico, o que nos pareceu uma perspectiva interessante. O primeiro foi literalmente uma lista das 13 músicas que achávamos que tinham melhor resposta nos shows. Cada músico, e mais o produtor, fez sua lista, e as 13 mais votadas compuseram o repertório do disco. Foi uma estratégia confortável, quase uma recompensa para o público que já seguia a

ENTREVISTA ESPECIAL

banda. O surpreendente foi termos aprovado projeto do segundo disco em lei de incentivo municipal, ainda durante a gravação do primeiro. Daí o curto espaço de tempo entre os dois lançamentos. Já o terceiro foi lançado dez anos depois do primeiro. O conceito das capas tem uma certa unidade: todos tem uma mulher segurando algum objeto; no primeiro um lençol azul, que é uma imagem presente na faixa título, “Pelos pátios partidos em festa”; no segundo outra mulher segura um peixe voador que não sabemos se é um dirigível ou um *pet* gigante dela, isso diante de uma paisagem cheia de janelas flutuantes, estas mencionadas em um verso da faixa título, “Alegria girar”. O terceiro disco tem uma mulher segurando um guarda-chuva que leva o universo do lado de dentro. O guarda-chuva também está presente na foto da banda nos outros dois álbuns, e é tema e título de uma faixa secreta que encerra o primeiro. Então, do ponto de vista visual, os álbuns apresentam alguma comunicação. Nos temas das músicas, cada disco está mais ligado ao momento vivido pela banda, com a inserção de instrumentos diferentes, ou experimentações rítmicas. No primeiro havia gaitas, no segundo apareceu a viola caipira e a escaleta, no terceiro saem cavaquinho e pandeiro - muito mais pelo desligamento do músico Thiago E - e entram violão aço e teclados.

8. A Validuaté tende a se valer de várias linguagens, principalmente a música, a poesia e as artes plásticas, como isso foi pensado ao longo da existência da banda?

A poesia está bem presente desde o primeiro disco, muito por conta de termos um poeta, no sentido de quem escreve poemas que não se pretendem ser cantados como letra de canções, que era o Thiago E. Eu sempre fui muito ligado a imagens e tomo essa frente na banda até hoje, seja nas capas, cartazes, artes de camisetas, fotos da banda, DVD, videoclipes. Ajudo a pensar alguns cenários para algum show especial, mas nossa produtora Bárbara Nepomuceno cuida melhor disso.

9. As canções da Validuaté são compostas principalmente por você e Thiago E, dois grandes poetas piauienses que nos brindam com romantismo (“A onda”, “Infinito”, e “Fagulhante”), sofrência (“Berras” e “Amor dos outros”) e muito humor (“Superbonder”, “Bruta como antigamente” (José Quaresma, Thiago E e Ricardo Totte) e “Na hora do rei” (José Quaresma e Zéu Britto). Como é composto e selecionado todo esse repertório?

ENTREVISTA ESPECIAL

As composições nascem de iniciativas individuais ou em parceria. Meu maior parceiro de composições é o Thiago E. Com ele fiz muitas canções do primeiro e segundo disco, e ainda tivemos uma parceria no terceiro, já sem sua presença na banda. Cada música nasce de alguma motivação particular. Às vezes nasce de uma simples melodia, ou um verso isolado, uma imagem, uma possibilidade, um ritmo, uma memória, uma história. Com exceção do primeiro álbum, os demais lançamentos foram feitos praticamente sem sobras de repertório. O último, por exemplo, teve uma canção composta ainda dentro do estúdio, durante as gravações. Para manter a tradição de termos uma faixa-título, compus a canção “Manual de instruções para”. E posso dizer que no geral, todos os integrantes entraram no estúdio satisfeitos com o repertório de cada álbum. As canções românticas sempre foram mais a minha praia. Creio que por influência dos artistas que admiro. E estrategicamente, eu já percebia que canções de amor costumam ser as mais populares, que geram identificação, apropriação. E também porque eu gosto de música romântica. Cresci ouvindo rádio, música romântica antiga, música brega. Esse universo é parte importante da minha "formação musical". Já o Thiago E chegou na banda com muita poesia, letras com uma força que são muito características da sua escrita. A primeira canção que ele me mostrou foi “Superbonder”. E de cara eu vi que tinha tudo a ver com a banda e que aquilo daria muita personalidade para a Validuaté. Que bom que ele se empolgou e topou. E daí fomos criando mais e mais canções, tanto individualmente quanto em parceria. A veia mais bem humorada do repertório tem figurinhas como "Bruta como antigamente", que compusemos ao lado da jaula do leão, durante um passeio ao parque Zoobotânico. Esta teve a participação de Ricardo Totte na letra. Quando fomos gravar, pensamos em convidar alguém que tivesse a cara da música, e o artista mais genuíno para esta participação era o cantor, compositor e ator baiano Zéu Britto. Não tínhamos contato nenhum com o Zéu. Eu fiz um contato formal por e-mail com a produção dele. E, para nossa alegria, o convite foi prontamente aceito. Virou um sucesso do álbum e Zéu virou um amigo da banda. No último álbum eu o convidei para compor comigo uma canção que contava a estória de um casal que só conseguia se encontrar na hora do almoço, momento em que duas rádios de Teresina tocam apenas Roberto Carlos. Ele adorou a ideia, e assim fizemos a música "Na hora do rei", na qual ele divide os vocais comigo. A canção também ganhou videoclipe bem divertido com atuação divertidíssima de Zéu e Adeline Cronenberg.

ENTREVISTA ESPECIAL

10. Outro aspecto interessante da Validuaté é a forma como a banda retrata o Piauí, seja através da espacialidade ou da linguagem, fazendo com que os fãs se identifiquem com as situações retratadas. Lembremos de faixas como “Cortesia”, homenagem a União (PI); “Vamos ver o sol, Barão”, que brinca com a espacialidade de Teresina (PI), através de itinerários de ônibus da capital; ou palavras e expressões típicas do piauiensês como ‘menino do buchão’ e ‘aperreado’ (“Bicho do mato”), ‘paia’ (“Eu só quero acabar com você”) ou ‘fita brilhosa’ (“Essa moça”). Como a identidade piauiense se faz presente no repertório da banda?

Acredito que de uma maneira bem espontânea. Talvez isso fosse mais forte, e proposital nas primeiras composições, quando eu estava muito empolgado em misturar tradição nordestina com *rock*. À medida em que fui escrevendo, naturalmente as expressões iam se encaixando. Como o Brasil é esse país imenso, a língua tem muitas saliências e reentrâncias que a tornam uma experiência muito rica. E inserir isso nas músicas é uma forma de registrar, eternizar aquela expressão. A língua sendo este corpo vivo, não temos como prever que expressões sobreviverão e quais desaparecerão no futuro. Tocar essas canções fora do Piauí é divertido. As pessoas acham interessante se deparar com novidades. Já as canções que falam de lugares são quase um certificado de pertencimento. Penso que todo compositor sempre lembra de sua cidade quando cria suas canções. É questão de tempo para nascer alguma que carregue mais afeto, e que gere identificação e representatividade no público.

11. Em “Bicho do mato”, você cita a saudade que sente do Sertão. “A lenda do peixe francês”, um dos maiores *hits* da Validuaté, e “O Hermeto e o Gullar”, ambas compostas por Tiago E, e ainda “Natuero”, composta por você, ecoam as cantorias sertanejas dos cordéis e emboladas. Como a cultura e ritmos do Nordeste influenciam a banda?

A influência da cultura nordestina nos acompanha desde o início da banda. De antes até. “Bicho do mato” já existia dois anos antes de a banda ser formada. Eu sou muito mais movido por melodia do que por letra. Crio muito mais melodias do que escrevo versos. Assim nasceram a maioria das parcerias com o poeta Thiago E. Muitas vezes escolhíamos poemas e eu criava as melodias, omitindo ou adaptando versos. Houve casos em que descartei para a letra da canção uma estrofe inteira do poema. E essa relação com a Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 211 a 226, jan. a ago. 2021

ENTREVISTA ESPECIAL

melodia remonta também às oportunidades na infância em que vi cantorias de violeiros e aboios dos vaqueiros nas festividades de São Raimundo Nonato, um dos padroeiros de União. Fora o que chegava pela música de maneira mais formal, o repertório de grandes nomes como Zé Ramalho, Elba Ramalho, Elomar, Zé Geraldo, Geraldo Azevedo, Jackson do Pandeiro, Lenine, Chico César, Zeca Baleiro e tantos outros. Depois que introduzimos a viola caipira no instrumental da banda, isso ganhou mais força. Provavelmente teremos mais canções que remetam a este universo.

12. Você mencionou anteriormente a importância do desenho para a sua formação artística. Hoje você produz também arte gráfica no computador. Você continua desenhando com a mão ou apenas com o *mouse*? Como essas habilidades dialogam e se complementam?

Eu abandonei um pouco o desenho em si. Tenho me dedicado mais à pintura. Os últimos trabalhos de design que fiz foram cartazes de eventos da banda e a capa de um livro. Ainda pretendo me dedicar à ilustração digital, mas com foco em animação, mais voltado para o audiovisual mesmo. E quero me dedicar mais à pintura também, explorar outras técnicas, outras possibilidades. Estou em um momento de transição do figurativo para o abstrato. É um exercício interessante de desapego do ponto de vista do processo de criação. Em 2019 eu retomei a pintura e fiz uma série de autorretratos, que muita gente nem faz ideia que eu pintei minhas próprias mãos. Agora estou em busca de novas sensações visuais. Teresina tem pintores fantásticos e são algumas minhas influências mais imediatas. A pintura é uma atividade artística muito prazerosa, apesar de solitária e silenciosa. Bem diferente da música e do audiovisual, que são outros dois prazeres que tenho na vida.

13. Você criou o perfil @jose.qarts para divulgar seus quadros, assim como tem participado de exposições. Seus quadros em acrílico sobre tela, como você disse, têm como tema recorrente os autorretratos, com reincidência de máscaras e pontilhados e ausência de cores primárias. Essa é uma fase? Você pretende abordar outros temas ou, como apontado, aventurar-se por algo mais abstrato?

Exatamente. Já pensei em pintar alguns temas que estão ligados às minhas outras atividades artísticas, como cinema e música. Não tenho certeza se ainda realizarei estas

ENTREVISTA ESPECIAL

obras. No momento devo seguir experimentando, como processo de busca e fortalecimento de um traço. Pode ser que estes temas apareçam nas próximas telas, mas realmente não quero me prender a uma pintura que tenha necessidade de fazer sentido, de contar uma história. Por enquanto eu busco uma pintura que desperte sensações. Eu preciso estar bem ao criar, e preciso me sentir bem ao contemplar a tela pronta. Se ainda assim me perguntarem qual o sentido dessa ou daquela obra, é provável que eu mencione estas sensações. A pintura, eu diria, é minha maior busca do ponto de vista de processo de criação no momento.

222

14. Você tem uma única tela, *The tempest*, baseada em uma passagem literária, a Cena I, do Ato I de *A tempestade*, de William Shakespeare. Você pretende realizar outras telas com temáticas literárias?

Há sempre uma possibilidade. A minha primeira tela literária (acabei de inventar isso) foi o Bicho, mas esta sucumbiu aos bichos que gostam de madeira que fica por ali sem muito cuidado. Os cupins a levaram para o além. *The tempest* foi a última, e levei tanto tempo para terminá-la, que ela acabou ganhando elementos que eu já estava trabalhando em outras telas, como as máscaras, traçados e pontilhados. Só o tempo dirá que temas irão me mover a materializar uma obra com tinta sobre a tela.

15. Recentemente você participou da construção do roteiro da série *Amor dos outros*, realizada pela Framme, com direção de Alexandre Mello. Como foi essa experiência de roteirista? Podemos esperar outros roteiros ou quem sabe textos em outros gêneros literários?

Foi uma experiência muito intensa. Audiovisual é uma arte que é coletiva, consome muito tempo e dinheiro, nem sempre correspondente. Posso garantir que foi um privilégio fazer parte da equipe, porque tivemos uma ótima oportunidade de desenvolver os roteiros com a mentoria de um profissional experiente, o roteirista Audemir Leuzinger (Carnaval, Netflix). A ideia original é de Pádua Carvalho, e os roteiros finais foram escritos por mim, pelo próprio Pádua Carvalho e pelo diretor e também roteirista Alexandre Mello. Foram muitos meses de trabalho, escrita e reescrita, adaptação, desapego. Roteiro é um guia, um caminho a ser seguido. Porém, mesmo em produções milionárias de Hollywood pode haver alteração no percurso, durante a produção, e o filme final nasce como somatória de Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 211 a 226, jan. a ago. 2021

ENTREVISTA ESPECIAL

esforços, originalmente empreendidos ainda no roteiro. Uma boa história já está lá num bom roteiro. Claro que é preciso competência para contar bem uma boa história diante das câmeras. Mas aí é outra etapa, e necessariamente conta com a soma de talentos que cuidam de cada detalhe, cada setor, arte, maquiagem, figurino, cenografia, luz, fotografia, e claro todo o talento e entrega dos atores e atrizes, e da sensibilidade e visão do diretor. Depois de tudo filmado, ainda entra mais uma figura de grande responsabilidade, o editor/montador. Depois de montado, depois que se vê que a cena funcionou, é hora de outros artistas darem o brilho final no som, nos efeitos visuais e na colorização. Só depois disso tudo a gente realmente tem certeza se a história boa ainda está lá. Eu pretendo seguir estudando e escrevendo roteiros. Ainda tenho minhas histórias para contar. Mas audiovisual é um sonho caro e que precisa ser sonhado coletivamente para ser realizado. Não estou dizendo que é impossível, apenas que não é fácil e nem depende de apenas um querer. Ainda sobre o roteiro da série *Amor dos outros*, eu posso afirmar que adorei a experiência, e dá uma sensação muito boa de ver linhas que eu criei personificadas na atuação de um elenco. Em algumas cenas, eu sou capaz de lembrar de quando eu estava escrevendo determinadas falas. É uma grande mágica. Cara, mas formidável de se ver realizada.

223

16. Como você vê o audiovisual piauiense, em especial a propaganda, o documentário e a ficção?

O Piauí tem avançado bastante no audiovisual. Temos visto boas produções serem entregues, e em circulação nacional e internacional. Não são tantas as produtoras que encampam o desafio de produzir audiovisual. Eu destacaria pelo menos quatro que fizeram trabalhos bem executados e muito interessantes. A Framme, para a qual trabalho há muitos anos. Já realizamos curtas, longas documentais - *Não deixe meu boi morrer* (Tv Antares) e *A irmandade* (Globonews), duas séries ficcionais - *Amor dos outros* (CineBrasilTV), e *Jenipapo, a fronteira da independência* (em pós-produção) (TV Cidade Verde), uma série de interprogramas - *Tá na hora de brincar* (EBC), uma série doc-reality - *Amor à queima roupa* (Fashion Tv). Outra produtora que realizou produtos audiovisuais no mesmo período foi a Guabes, que fez a série *Diário de Lully* (EBC), e *Não matou El matador* (CineBrasilTV - em finalização). Destaco ainda a produtora mais jovem das três, B&T Audiovisual, que realizou além de curtas, um média metragem sobre Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 211 a 226, jan. a ago. 2021

ENTREVISTA ESPECIAL

a judoca Sara Meneses (ESPN), o longa *Torquato, a imagem da incompletude* (Curta!), o longa *Niède*, em circulação nos cinemas atualmente, e a série documental *Aquarela musical* (Curta!), além de *desConectados*, documentário que é uma produção da B&T Audiovisual para o Edital Conexão Juventudes, realizado pelo Instituto Unibanco. Destaco ainda a Madre Filmes, que produziu curtas documentais como *Curicas* e *Água para Gregório*, e o curta de ficção *Hortelã*, todos dirigidos por Thiago Furtado, certamente um dos diretores jovens mais atuantes no momento. Além destes, a Madre Filmes ainda realizou recentemente a websérie documental *Saberes tradicionais* e o documentário *10 anos das Sebastianas*. No meio destas produções todas, há sempre jovens talentos que trabalham como *freelancers* e integram coletivos audiovisuais como VDC e LabCine. Na publicidade destaco nomes como Raphael Reis, Clístenes AllFilms e Alexandre Soares (Respira Filmes). Muita coisa boa sendo produzida, muita gente talentosa fazendo bonito. Acredito que a tendência é isso evoluir cada vez mais.

17. A pandemia de Covid-19 afetou sobremaneira o campo cultural brasileiro e no Piauí não foi diferente. Como você enfrentou as privações desse período e como você percebe os efeitos da pandemia para a cultura e arte do Piauí?

Com a pandemia todas as atividades culturais pararam literalmente da noite para o dia. Assim como muitas outras atividades econômicas. Eu segui trabalhando em projetos de audiovisual que já estavam em andamento. Isso segurou as contas. Foi preocupante ver que muitos artistas não tinham uma segunda fonte de renda além da sua arte. Houve mobilizações para arrecadar alimento, editais que destinavam alguma renda, ou prêmio para profissionais de eventos, e depois de muito tempo, muita agonia e muita luta, saiu a lei de emergência cultural, que possibilitou a realização de muitos produtos culturais por meio de editais por todo o Brasil. Aqui tivemos o edital da Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves e os editais da SECULT-PI. A Validuaté conseguiu aprovar um projeto, que originalmente seria de produção de um álbum e circulação. Porém houve um corte de cerca de 70% no orçamento, o que só permitiu que fosse possível a gravação do álbum, que está em curso. Paralelamente acabei participando como convidado de outros projetos também aprovados nos mesmos editais, como os videoclipes do cantor e compositor Vavá Ribeiro e *lives* dos Festivais Corisco Beat e Fervura. Nas artes plásticas, eu produzi e vendi algumas telas. No fim de tudo, os editais da lei de Emergência Cultural, Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 211 a 226, jan. a ago. 2021

ENTREVISTA ESPECIAL

Aldir Blanc fizeram nascer muitos projetos que, talvez num tempo normal, não seriam possíveis.

18. A Validuaté tem uma faceta ainda pouco conhecida do grande público, que é a de compor marchinhas de carnaval, tendo inclusive o EP Carnavali, que foi lançado em 2016. A banda pretende dar continuidade a essa veia das marchinhas e, em um contexto pós-pandemia, há a possibilidade do Carnavali voltar?

Acho que aquilo foi um amor de carnaval. Não conversamos mais sobre isso. Falamos algumas vezes de fazer um bloco de carnaval, mas sem lançamentos. No máximo versões de músicas já conhecidas do nosso repertório.

19. Qual mensagem você deixaria para os jovens que desejam enveredar pelo campo artístico no nosso Estado?

Comecem, estudem sempre, persistam, não desistam e saiam daqui. É sério. Eu explico: é possível começar a produzir arte com muito pouco, mas é preciso buscar isso, sair do lugar. Há escolas de música a preços acessíveis, e escola que ensina mil coisas de música sem cobrar nada. E não há mais nada que não tenha um tutorial grátis no Youtube. Então, é querer e estudar. Mas é preciso ter coragem, paciência, resiliência, persistência, bravura para seguir fazendo arte no Piauí. Não é fácil, mas é possível e muito prazeroso. Com o tempo, com o trabalho bem feito os resultados vêm. E por último, não dá pra ficar fazendo arte somente aqui na cidade de Teresina. É necessário explorar outros olhares, ver por outras perspectivas, ouvir outras críticas, ganhar outros cachês (muitas vezes melhores do que se pagam por aqui). A arte, se não pagasse as contas, ainda seria sempre uma possibilidade maravilhosa de autoconhecimento, de conhecer outras pessoas, e de conhecer o mundo.

Mini- Biografia de José Quaresma Campos Filho

José Quaresma Campos Filho nasceu na zona rural de Caxias (MA), e antes de completar um ano de idade migrou com a família para União (PI), que considera como sua cidade natal. Em União, iniciou suas atividades na música e nas artes, mas foi quando se radicou em Teresina que essas atividades puderam ser desenvolvidas profissionalmente. Formado em Letras Português pela UFPI e em Letras Inglês pela

ENTREVISTA ESPECIAL

UESPI, José Quaresma também atuou como professor nas redes públicas estadual e municipal em Teresina. Em 2012 iniciou trabalhos como revisor e ilustrador publicitário, e rapidamente também ingressou no audiovisual, como produtor e editor. Trabalhou na Chroma Comunicação por pouco mais de um ano, e em seguida, no ano de 2012, começou a trabalhar na AMC - Framme, onde desempenhou funções como redator, roteirista, diretor, assistente de direção e colorista. Paralelo a tudo isso, José Quaresma é integrante fundador da banda Validuaté, com obra consolidada no cancioneiro musical piauiense, realizando também parceria com diversos artistas do estado. Em 2019, retomou suas atividades como artista plástico, e participou de exposições em Teresina.